

- O casamento que nunca existiu

Por: Maggi

Eu passei a vida inteira escolhendo músicas para meu funeral.

Enquanto todos sonhavam com alianças, eu rabiscava caixões em cadernos gastos. Nunca houve em mim espaço para promessas diante de um altar, apenas para discursos fúnebres imaginados.

Enquanto outros sonhavam com futuros compartilhados, eu só colecionava despedidas. Cada aniversário parecia um ensaio da morte; cada vela apagada, um aceno ao silêncio que me esperava.

Na infância, eu assistia de longe as brincadeiras de casamento. As meninas improvisavam véus com lençóis brancos, riam e fingiam jurar amor eterno. Os meninos tropeçavam nos papéis de noivos, desajeitados, tentando encenar heróis, médicos ou príncipes. Eu não sabia brincar. Fechava os olhos e via outro cenário: flores mortas, velas acesas, uma sala mergulhada em silêncio, onde apenas o vento parecia testemunhar minha presença. Gostava de imaginar quem choraria por mim, quem se lembraria de mim de verdade, quem não viria se despedir. Cada riso infantil me parecia falso, cada abraço, distante. O luto, porém, parecia feito sob medida, confortável em sua precisão fria. Meu altar era feito de pedra e silêncio, não de papel e fantasia. Eu me sentia invisível no mundo que celebrava o início da vida; mas visível para o vazio, meu único companheiro fiel.

Na adolescência, a distância entre mim e o mundo só aumentou. Enquanto os colegas escreviam cartas de amor, faziam planos de casas, viagens e futuros, eu escrevia epitáfios e listas de músicas para meu funeral. Eles colecionavam lembranças de primeiros beijos; eu colecionava fantasias de últimos olhares. Cada aniversário era apenas mais um degrau descendo em direção ao fim. As festas me eram estranhas, as músicas, pesadas demais, como se a melodia adivinhasse meu destino. Os amigos falavam de namoros, de noivados, de filhos que um dia teriam. Eu anotava datas possíveis para meu término, como convites formais para uma despedida que nunca seria celebrada. Eles sonhavam com o futuro; eu, com a ausência. Em vez de alianças de ouro, pensava em tábuas de madeira, flores já murchas, caixões forrados de

silêncio. Enquanto eles riam ao falar de amor, eu me perguntava se alguém derramaria lágrimas de verdade por mim. Se perguntassem quem eu amava, eu não teria resposta, minha afeição estava reservada para o nada, para o espaço entre o respirar e o apagar da luz.

Passei anos crescendo para fora da vida, carregando um vestido invisível feito de sombras e lembranças tristes. Nunca senti o sopro da esperança; apenas o peso da partida, que se acumulava como pó em cada canto de minha existência. Se me perguntassem por que nunca pensei em casamento, eu diria que já tinha um compromisso marcado: um pacto silencioso com o vazio. Enquanto todos se preparavam para começar algo, eu me preparava para terminar. Já havia escolhido as flores: não as brancas da pureza, mas as negras, murchas, carregadas de despedida. Já havia escolhido a música: lenta, arrastada, como passos pesados em um corredor vazio, que ecoavam em minha mente como um funeral antecipado. Já havia escolhido o traje: não um terno de noivo, mas um tecido frio, pesado, como se a própria noite pudesse me envolver e me levar consigo.

E agora, adulto, percebo que toda a minha vida foi preparação para esta noite. Não há

convidados, não há celebração. Apenas um salão vazio, onde caminho sozinho em direção ao meu altar secreto. A sala está deserta, exceto pela minha própria sombra, que me acompanha, silenciosa, alongando-se pelo chão frio. Se dizem que o casamento é a união de duas vidas, o meu é a dissolução da única que tive. Não há votos, apenas um último suspiro. Não há festa, apenas a cerimônia da despedida.

Meu casamento nunca existiu. Meu funeral, sim, sempre esteve marcado. Passei a vida inteira escolhendo músicas para ele — não as alegres que tocam em festas de casamento, mas melodias arrastadas, cansadas de existir, que ecoam como se o mundo já tivesse se cansado de mim. Escolhi flores mortas, velas apagadas, epitáfios frios, porque desde sempre meu amor foi pela própria escuridão. Cada aniversário, cada festa, cada instante em que me perguntavam sobre minha vida, era apenas um lembrete de que eu caminhava para a ausência. Cada vela que eu acendia em minha imaginação era um passo a mais em direção ao meu altar, cada sombra, uma testemunha silenciosa da minha preparação para a dissolução de mim mesmo.

Na infância, aprendemos sobre o começo. Na adolescência, sobre o futuro. Eu aprendi sobre o fim. Vi todos ao meu redor planejando alegrias e histórias, enquanto eu planejava um silêncio eterno. O mundo parecia celebrar a vida; eu, a morte. As memórias de festas, de risadas, de mãos dadas e promessas de amor, me chegavam distantes, quase irreais. Mas cada momento de solidão, cada noite em que imaginava meu próprio silêncio, me parecia concreto, palpável. Eu me afeiçoei ao vazio, e ele a mim.

E, finalmente, chego ao meu destino. O corredor não tem flores frescas nem sorrisos, apenas o eco dos meus passos. Cada sombra que vejo projetada na parede parece esperar por mim, paciente e impassível. O altar invisível me espera. O véu que me cobre não é branco, mas negro, pesado, feito da ausência que me acompanhou desde o início. Não há testemunhas, não há espectadores, apenas o silêncio, sempre fiel, sempre paciente. Toda a minha existência foi um ensaio para este momento, cada dor, cada sensação de exclusão, cada lágrima não derramada, cada riso alheio que não me tocava, tudo me preparou para este instante definitivo.

No instante final, compreendo: meu amor nunca foi por alguém. Meu amor sempre foi pela escuridão que agora me recebe. É com ela que me caso. É nela que me entrego. É nela que me dissolvo. Meu casamento nunca aconteceu. Meu funeral sempre esteve à minha espera, sempre paciente, como um noivo fiel, silencioso, eterno. E hoje, enfim, o encontro se consuma. Minha vida inteira, cada passo, cada sombra, cada música triste, cada flor morta, tudo me levou até este momento. O silêncio me envolve, e eu me deixo ser levado.

Aqui, na solidão absoluta, compreendo finalmente: o que parecia falta — o amor, a vida, a alegria — nunca me pertenceu. Meu pacto sempre foi com a ausência, e agora, entregue a ela, sinto a paz que nunca experimentei entre risos e vozes alheias. Toda a minha existência, toda a minha preparação, culmina neste instante único: um casamento com o nada, um amor eterno pela escuridão. E então, finalmente, me dissolvo.